

No Coração da Princesinha do Mar:

poder, memória, gentrificação e exclusão em Copacabana (1940–1980)

In the Heart of the Little Princess of the Sea: Power, Memory, Gentrification, and Exclusion in Copacabana (1940–1980)

Luzimar Soares Bernardo

Doutoranda em Ciências no Programa de Mudança Social e Participação Política – ProMuSPP, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH da Universidade de São Paulo - USP. Mestre em História Social na Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC – SP, autora dos livros: *A Dor de Ser Ana e Nas ondas do mar carioca: o moderno e as tradições vistos a partir da história dos pescadores da Colônia Z-13 na praia de Copacabana.*

luzimar.soares@usp.br

RESUMO: O que se apresenta a seguir é uma investigação por quatro décadas da história da cidade do Rio de Janeiro usando como fio condutor o bairro de Copacabana, as revistas ilustradas, *O Cruzeiro*, *Fon-Fon* e *Manchete*, assim como o jornal *Beira-Mar*. Também lancei mão de entrevistas que fiz com moradores do bairro de Copacabana para entender como as classes sociais se relacionam no lugar que é o cartão postal do Rio de Janeiro, quiçá do Brasil, a Princesinha do Mar, Copacabana. Compreender através do “flanar” as folhas da revista e do jornal, ouvir as vozes dos entrevistados e entender a segregação, a gentrificação e as modificações pelas quais a sociedade Copacabanense passou mostra um continuum de alteração social onde os mais vulneráveis são o tempo todo mandados para as franjas da cidade e constantemente são vistos como aqueles que invadem e deterioram os espaços. Copacabana nessas quatro décadas viveu uma infinidade de transformações, incluindo a adaptação ao restabelecimento e encerramento das atividades dos Cassinos, a mudança da Capital Federal para Brasília que teve especial contribuição para a “fuga de capital” com o esvaziamento dos hotéis, bares e boates.

PALAVRAS-CHAVE: Copacabana; história do Rio de Janeiro; revistas ilustradas.

ABSTRACT: What follows is an investigation into four decades of the history of the city of Rio de Janeiro, using as a guiding thread the neighborhood of Copacabana, the illustrated magazines *O Cruzeiro*, *Fon-Fon*, and *Manchete*, as well as the newspaper *Beira-Mar*. I also drew on interviews I conducted with residents of the Copacabana neighborhood to understand how social classes interact in this area — a postcard image of Rio de Janeiro, perhaps even of Brazil itself — the “Little Princess of the Sea,” Copacabana. Understanding, through the act of “browsing” the pages of magazines and newspapers, listening to the voices of the interviewees, and analyzing the segregation, gentrification, and changes experienced by Copacabana society reveals a continuum of social transformation, in which the most vulnerable are constantly pushed to the margins of the city and are repeatedly seen as invaders and agents of decay. Over these four decades, Copacabana underwent countless transformations, including the adaptation to both the reestablishment and closure of casino activities, and the relocation of the federal capital to Brasília, which notably contributed to a “capital flight,” leading to the decline of hotels, bars, and nightclubs.

KEYWORDS: Copacabana; history of Rio de Janeiro; Illustrated magazines.

Introdução

Como forma de compreender as muitas vivências e disputas no bairro de Copacabana, realizei uma pesquisa em quatro décadas da nossa história recente, (1940 – 1980), utilizando reportagens de revistas (03), de um jornal e entrevistas com dois moradores para buscar compreender como a elite copacabanense enxergava a sua própria imagem e as das pessoas de baixa renda, ou seja, como se davam as relações sociais entre esses atores e como estas eram retratadas nas páginas. Também busquei verificar a presença de gentrificação através da evolução urbana ocorrida nesse espaço de tempo, uma vez que as muitas transmutações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro no geral como a mudança da capital para Brasília, e mais especificamente aquelas levadas a cabo no bairro de Copacabana como o alargamento da Avenida Atlântica impactaram na vida e no trabalho daqueles que contribuíram para a construção dos prédios que ocuparam os terrenos que antes eram preenchidos por casas menores, numa sucessão de exclusão social.

O ato de perquirir a história de Copacabana é importante para revelar as formas relacionais entre trabalhadores e elite, assim como contribui para apreender o crescimento, desenvolvimento e “progresso” da Princesinha do Mar. O trabalho que segue é uma contribuição para o entendimento dessas relações que forjaram o tecido urbano do bairro mais conhecido do país, do local e das costuras da cidade que se desenvolvem ao longo da história numa mistura de exclusão e proximidade, onde trabalhadores e seus patrões escrevem a cotidianidade à sua maneira e disputam os espaços de memória. No entanto, vale ressaltar que a memória escrita é sempre de forma a elevar a importância da elite, haja vista, que é a própria elite que conta a história. Dessa forma, a pesquisa busca mostrar todas as nuances dessas construções.

1940 – Direitos trabalhistas e novos acessos a Copacabana

O caminho trilhado para pesquisar essas quatro décadas teve como objetivo compreender as diversas transformações socioeconômicas ocorridas no bairro de Copacabana. Para isso, partiu-se do entendimento de que o mundo atravessou significativas alterações ao longo do período. No Brasil, a primeira das décadas aqui analisadas teve como figura central o presidente Getúlio Vargas, o governante que esteve à frente da presidência do país por mais tempo, em dois períodos distintos. O primeiro, entre 1930 e 1945, inclui o governo provisório (1930-1934), o governo constitucional (1934-1937) e o Estado Novo (1937-1945); e, depois, de 1951, quando foi eleito democraticamente, até o seu suicídio em agosto de 1954.

A década de 1940 tem um valor muito significativo para os trabalhadores brasileiros de modo geral, marcada pela presença de um presidente considerado “o pai dos pobres”. Em 1941, foi criada a Justiça do Trabalho, com início de atuação em primeiro de maio (Gomes, 2002). No cenário nacional, a década de 1940 foi politicamente efervescente: a Segunda Guerra Mundial trazia incertezas a todos os países, alimentando inverdades, disputas de narrativas, medos e especulações.

Já no início do século, a grande reforma urbana havia transfigurado o centro da cidade: demolições de cortiços, alargamentos de ruas, destruições e reconstruções moldaram uma nova paisagem urbana (Pereira, 1996). Todavia, a transfiguração já havia sido preparada antes impulsionada por teorias higienistas que classificavam os pobres como “classes perigosas”, (Chalhoub, 1996), sinalizando uma sociedade que buscava se metamorfosear para adequar-se as aspirações de uma sociedade evoluída, civilizada e progressista.

O bairro praiano de Copacabana passou, na década de 1940, por uma alteração significativa em sua arquitetura: casas e bangalôs foram gradualmente substituídos por prédios de apartamentos. É evidente que tais modificações não se restringiram apenas a Copacabana, tampouco

começaram ou terminaram nessa década. No entanto, o bairro em estudo contou com uma elite que, por meio de seus jornais e revistas – como o caso do *Beira-Mar - Copacabana, Ipanema e Leme* (doravante designada apenas como *Beira-Mar*) (Klever, 2021) – exigia a substituição desses imóveis.

Em uma reportagem sem assinatura e tampouco creditada pela imagem, datada de 22 de abril de 1942, sob o título “A beleza urbanística de Copacabana precisa ser levada mais a sério”, o jornal, criado para tratar dos assuntos dos moradores de Copacabana, Ipanema e Leblon, revela seu propósito elitista. Apesar da ausência de autoria explícita, sabe-se que se trata de uma publicação voltada para os interesses locais desses três bairros, cujos moradores eram chamados de Cilenses, conforme aponta Lucas Klever (2021). A sigla CIL era usada como referência conjunta a esses bairros.

Nessa época, as estradas e túneis são pensados para dar suporte a esta forma de atrair pessoas, melhorar a mobilidade para chegar ao bairro é indispensável e, já no mês de janeiro de 1940, o *Beira-Mar* traz reportagem sobre a construção de um novo túnel, uma nova maneira de melhorar o turismo da região. A edição de número 663 de 20 de janeiro de 1940, apresenta uma extensa reportagem sobre uma avenida que seria aberta para melhorar o fluxo de carros e acesso a Copacabana. “Esta linda avenida proporcionará um novo encanto à Cidade Maravilhosa, pelas perspectivas que oferecerá ao turismo”.

No ano seguinte, observa-se um afluxo de turistas que invadem Copacabana, todavia, não usufruem da cidade como um todo, numa matéria intitulada: “Rio – Cidade de Turismo?” Barreto Leite Filho, apresenta vários questionamentos incluindo a razão pela qual esses turistas escolhem a cidade do Rio de Janeiro, porém, não desfrutam de tudo que ela oferece, elencando suas belezas e potencialidades.

O Rio é uma cidade cordial, amável, normalmente serena. Tem, portanto, alguns dos requisitos para ser uma cidade perfeita. É preciso que seja interessante. E falta ainda a nossa vida, por isso ou por aquilo, por muitas coisas que estamos sentindo todos os dias, essa complexidade da qual resulta o interesse. Há muita gente rica no Rio, mas o Rio não é uma cidade rica. Há muita miséria, mas não é uma cidade miserável. [...] Devemos ser uma cidade em que cada um deseje ficar mais um pouco, ou deseje votar todos os anos, se não puder ficar, só para rever os amigos, respirar o ar, estar ali, ter a sensação indefinível de estar ali, o que constitui a suprema conquista. (O Cruzeiro, ed. 41, 09/08/1941, p. 06).

A elegância de Copacabana nos anos de 1940, também é enaltecida por seus Cassinos, seja o do Copacabana Palace, ou o Atlântico localizado próximo ao Posto Seis. Era nos salões dos cassinos que aconteciam as reuniões das pessoas da elite e os shows que reuniam artistas de todo o mundo, segundo Ricardo Boechat (1998, p. 49).

Ao longo do primeiro governo Vargas, de 1930 a 1945, praticamente toda a produção cultural do país se concentrou no Rio. E, como não poderia deixar de ser, Copacabana era o olho do furacão. O alvoroço febril de suas noites não parava de aumentar, e o bairro dava sinais de que já não tinha tempo para dormir. Três anos depois de ter assumido a presidência, Getúlio Vargas revogou a lei que proibia o funcionamento dos cassinos, fechados pelo governo desde 1924. A nova realidade beneficiou diretamente o Copacabana Palace, que possuía os mais luxuosos salões de jogos da cidade.

Durante o dia, a praia recebia banhistas que a frequentavam não apenas por motivos de saúde, mas também como forma de lazer e convivência. Copacabana já era, naquele momento, muito mais do que um lugar

associado à salubridade: era espaço de sociabilidades, conversas, diversão e bronzeamento dos corpos. À noite, os cassinos se tornavam os centros das atenções e do prestígio social.

A despeito de toda essa badalação e da vida social intensa, surge a pergunta: onde estavam os trabalhadores? Eles eram incluídos nos espaços de lazer e prazer ou estavam restritos apenas aos ambientes de trabalho? Diante de um cenário marcado por festas, cassinos e sociabilidades da elite, cabe questionar como o governo de Getúlio Vargas, com todas as suas peculiaridades e contradições, buscou incluir as classes menos favorecidas nesse contexto de grandes acontecimentos voltados à alta sociedade. De acordo com os escritos do pesquisador e professor Antonio Edmilson Martins Rodrigues, é possível perceber que os trabalhadores, ou ao menos parte deles, foram considerados e incluídos por meio de “políticas sociais”.

A inclusão desses segmentos foi realizada através de políticas sociais corporativas, evitando que o movimento social e a esquerda assumissem o controle das ruas. Para isso, Vargas usa toda sua capacidade repressiva do Estado, assim como a dimensão do nacionalismo populista. (Rodrigues, 2016, p. 151).

O fim dos anos 1940 e a mudança de governo trouxeram consigo uma transformação significativa: em 1946, o novo presidente decidiu que os cassinos seriam banidos em todo o território nacional. Essa nova realidade teve diversas consequências, especialmente para os trabalhadores da noite. Segundo Vicente Saul Moreira dos Santos (2011), o fechamento dos cassinos afetou diretamente os profissionais do meio musical e artístico, que passaram a migrar para as boates.

Como se fosse uma introdução para a nova década que viria a seguir, o colunista da revista *O Cruzeiro*, José Amádio em uma longa reportagem

onde trata o bairro como “Copacabana City”, mostrando alguns aspectos da vida cotidiana, nas primícias da escrita, exibe muitas fotografias das sociabilidades vividas cotidianamente pelos moradores. O título da reportagem, já diz como o jornalista pensa o bairro: Capital do Rio.

Contextualizando a reportagem, que ilustra a vida dos moradores, mesmo sem utilizar a palavra gentrificação, o autor traz referência aos novos valores dos aluguéis; especialmente fala sobre a “importância” de morar em Copacabana: “Pode-se dizer sem exagero que tudo em Copacabana é mais caro do que no centro”. “Onde você mora? Em Copacabana. A resposta é dada em tom de indiferença. Mas, que vaidade latente, santo Pai!

Copacabana, 1950, vida pulsante

Perdoem, repito, se ainda falo nela. Mas, sinceramente, não sentem vocês a mesma revolta que eu sinto, cada vez que vejo aquela inscrição de boas-vindas que faz sentinelas à do nosso túnel? Bem-vindo a Copacabana! Que ironia! Essas palavras só teriam sentido nos lábios dos tubarões que nos exploraram e dos responsáveis pelos serviços públicos que se divertem com o nosso sofrimento.

(G. Lamounier Jor. Beira-Mar, 1955, ed. 802)

E nesse lugar de alternâncias da vida boemia, mas também de muitas modificações nas estruturas prediais, de crescimento do turismo, de reconstrução, que os anos de 1950 chegam, bem em seu início, de volta a presidência estava Getúlio Vargas, e sua política de modernização avança (Rodrigues, 2016). O raiar de uma nova década mostrava que em “meio século o areal converteu-se na Copacabana gloriosa dos anos 50”, (Lessa, 2005).

Figura 1



Fonte: Título de reportagem da revista O Cruzeiro de 1951, Ed. 20.

No período *O Cruzeiro*, em uma longuíssima reportagem do jornalista ganhador do Prêmio Esso de jornalismo em 1956 José Leal, ostenta o título: "Copacabana sem máscara". As fotografias que ilustram a matéria são do fotógrafo Flávio Damm. Nesses escritos é incontestável que o autor fala sobre as coisas bonitas e importantes a respeito do bairro, todavia, a tinta fica mais densa quando ele elenca as coisas que em sua visão eram as mais danosas a Copacabana, apresentando desde o título o quanto paradoxal é o bairro, fazendo uma expedição através dos acontecimentos que se desdobram ao longo de toda cercanía. A incursão segue por diversos aspectos, de moradias a boates, de esgotos a céu aberto jogados nas areias de Copacabana a moradores ilustres do bairro.

Na esteira das buscas, na década de 1950, uma nova revista passa a compor as fontes de pesquisa sobre Copacabana. A revista *Manchete*, na primeira matéria aqui estudada, o título já é diferenciado com relação às outras revistas. Numa longa matéria sobre a música, assinada por José Leal (já citado antes), e fotos de Aymore Marella, (1953), trata sobre racismo, discriminação, criminalização, distinção entre brancos e pretos, traçando um paralelo entre "Lá em cima e Lá em baixo", faz alusão à receptividade do mar quando diz que pelo menos ele, o mar, não tem preconceito. "Lá embaixo, o belo conjunto de arranha-céus, avançando rumo ao infinito, numa invasão cada vez frequente e mais rápida". "Lá em cima, o morro mais alto do que todos os arranha-céus, mais infeliz e esquecido do que tudo nessa cidade contraditória e soberba".

Ao dissecar o texto, percebe-se uma série de denúncias contundentes sobre o tratamento desigual entre negros e brancos por parte das

autoridades. A matéria relata, por exemplo, a proibição da venda de cachaça nos bares do morro imposta por um “xerife”, e expõe versos usados por brancos para reafirmar seus preconceitos. A reportagem não poupa detalhes ao escancarar as práticas cruéis e racistas naturalizadas pela sociedade da época, justificadas sob discursos de ordem e moralidade.

Atendo-me ainda aos anos de 1950, bem como, às mudanças acontecidas no bairro de Copacabana. É possível afirmar que foi uma década de muita efervescência, não esquecendo que o fim dos cassinos mudou a geografia das noites cariocas, tanto para os amantes das noitadas como para os trabalhadores. Se a repressão do Estado Novo tinha feito muitas casas noturnas migrarem para Copacabana, o fechamento dos cassinos aumentou esse afluxo de lugares para a distração. Junto com os estabelecimentos, vieram também muitos trabalhadores da noite.

Justamente porque as alternâncias modificaram a vida de todos. “Embora mantivesse seu charme e encanto similar ao das lindas morenas que se exibem na praia durante o verão e mesmo no inverno ou em dias de chuva, a Copacabana do final da década de 1950 era o lugar das boates e dos arranha céus” (Santos, 2013). Era também cartão de visita para o mundo, assim como continua até os dias atuais, mas naquele tempo, o então Presidente da República usava a imagem de Copacabana para demonstrar a “idade de ouro”, segundo Julia O’Donnell (2019, p. 201),

Reorrentemente descrito como uma “idade de ouro”, o governo de Juscelino Kubitschek tinha em Copacabana uma de suas principais vitrines. Afinal, reunindo o cenário tropical, a intensa vida cultural e um expressivo crescimento urbano, o bairro despontava como a síntese de um país que buscava se definir pelo “novo” sem abrir mão de atributos originais. Copacabana era o epicentro daqueles “anos dourados”, reunindo em suas ruas e em

suas boates muitos dos signos sobre os quais se sustentavam as representações do *glamour* e do otimismo que marcavam a época. Foi ainda naquele período que o bairro viveu seu principal *boom* imobiliário, o que se fez sentir, por exemplo, na construção de nada menos que 225 edifícios somente no ano da posse do novo presidente.

As afirmativas da pesquisadora, coadunam com as matérias dos jornais sobre o crescimento do bairro, a importância que o mesmo adquiriu no cenário político nacional, a imensa quantidade de edificação e prédios e também com as matérias sobre as inúmeras atrações culturais existentes ali. O crescimento demográfico é uma constante e isso é publicado e alardeado pelas revistas, algumas vezes com aspectos positivos outras, reclamando da presença de pessoas indesejadas, da presença de trabalhadores, de sujeiras, de aglomerações, das boates, dos frequentadores dessas boates, bem como da valorização imobiliária que causou gentrificação desde a chegada da cidade ao arrabalde.

"Boates" de todos os naipes, inclusive existentialistas – ou meio existentialistas. Uns butecos escuros e fumacentos onde alguns se divertem mesmo e muitos se desesperam. Através de suas ruas, nas horas diurnas ou noturnas, pululam também os mais consumados cafajestes, fáceis borboletas, restos do após-guerra mundial. "bonitões" cuja profissão é isso mesmo, pervertidos, homossexuais. Misto de mulher e diabo – se é que este existe, Copacabana é um lugar ruim, o pior local local do mundo para educação da juventude. (Milton Pedrosa, Rev. Manchete, Ed 042, 07 fev. 1942, p. 46).

Copacabana – 1960, o Rio de Janeiro não é mais capital

O *glamour* de Copacabana dá origem a uma lenda carioca e brasileira. É o lugar mágico que permite combinar o

banho de mar desinibido, o estar ao sol ou praticar jogos na areia com a sofisticação das roupas a rigor dos *night-clubs* ou com o jantar à luz de velas em restaurante – obviamente para quem tem altas rendas. Para o homem comum significa a praia aberta e sem discriminação social, reconstituída ao trocar a roupa de banho. É o lugar onde o corpo livre se cruza com o corpo vestido para o cotidiano do trabalho e de rotina de vida. Existe uma Copacabana pela manhã, outra pela tarde e outra pela noite. A colônia de pesca convive com o Clube Marimbás. (Carlos Lessa, 2005, p. 245-246)

No final do Estado Novo, na promulgação da Constituição de 1946, determinou-se em seu “Ato das Disposições Constitucionais Transitórias”, através do “Art. 4º - que “a Capital da União será transferida para o planalto central do País”, assim como, no; “§ 3º - Findos os trabalhos demarcatórios, o Congresso Nacional resolverá sobre a data da mudança da Capital”. E, seguindo o preconizado em 01 de outubro de 1957, através da Lei 3.273, ficou decidido que a capital se mudaria em 1 de abril de 1960.

Desse modo, a década de 1960 se inicia com o que para alguns foi um duro golpe para a cidade do Rio de Janeiro, pois, parte do privilégio foi levado junto com o poder Executivo e Legislativo e toda a máquina administrativa do país para a nova capital, Brasília. Muitas incertezas foram geradas, afinal, depois de 197 anos, o Rio de Janeiro deixava de ser a capital do país.

Lá no início da década de 1960, a revista Manchete, publica uma reportagem longa, abordando vários temas ligados a importância da cidade do Rio de Janeiro. Assinada por Raimundo Magalhães Junior, com fotografias de 03 profissionais distintos (Gervásio Batista, Gil Pinheiro e Juvenil de Sousa), chamando a atenção dos leitores sobre a história do Rio. A matéria, faz além de um retrospecto da história da cidade e de uma leitura que poderíamos chamar de apaixonada sobre a cidade do Rio de Janeiro, uma ode as belezas naturais e a sua capacidade de se refazer. Essa leitura da cidade que se refaz como uma Fênix, que tem como elemento

de vitrine o bairro de Copacabana, exibe a perspectiva daquela sociedade que, de acordo com Carlos Lessa (2005, p. 289),

O Rio, acostumado a renascer pelo Centro à *la Paris*, a afirmar-se com a Copacabana Princesinha do Mar, não acreditava numa construção que seria feita no interior desocupado. A resposta do Rio seria fazer outro movimento pela costa para, como Fênix renascer. Entre a Novacap e a Belacap, o carioca confiante quanto ao futuro, apostou nesta última e voltou seu olhar em direção à Barra da Tijuca.

A revista *O Cruzeiro*, já no mês de julho de 1960, publica uma imensa matéria intitulada: O Rio pede socorro. Mudança da Capital para Brasília foi golpe sério no movimento de hotéis e “boates” no Rio de Janeiro”. Com a assinatura de Arlindo Silva, é uma exposição sobre as dificuldades financeiras que a cidade já enfrenta em consequência das alterações políticas administrativas vividas pela nação, afinal, a ausência/presença da Presidência da República envolve toda a nação.

As obras se tornam então, parte do imaginário, para alguns a conjuntura perfeita para o restabelecimento da posição do Rio de Janeiro em seu lugar de destaque nacional e mundial. Nesse sentido, a Velhacap dava lugar a Belacap. Nesse período, ainda em 1964, a revista *O Cruzeiro* fez uma espécie de dossiê na edição de número 09, dedicado especialmente a contar de forma reduzida a história da cidade. Trata-se de um exemplar comemorativo dos 400 anos do Rio de Janeiro, intitulado de: “Rio 400 janeiros – Expansão do Rio no Século XX”. Nesse material, que é assinado pelo Professor Nelson Costa, é estampado o crescimento da cidade. O passeio feito inicia-se na Exposição Nacional, passa por muitos governadores e prefeitos e quando fala da Velhacap, e da Belacap, traz o seguinte:

Transferida a capital do País para Brasília, perdeu o Rio essa condição, passando o antigo Distrito Federal, ex-Município Neutro, a constituir o Estado da Guanabara. Deste foi então governador provisório o Embaixador Sette Câmara, depois substituído pelo governador eleito Dr. Carlos Lacerda, que iniciou diversas obras públicas, das quais se destacam a construção da adutora de Guandu, a abertura de túneis, nova série de prédios escoares, urbanização do Aterro da Glória e as modernas Praias do Flamengo e Botafogo. [...] A 21 de abril de 1960, com a transferência da capital do País para Brasília e a consequente transformação do antigo Distrito Federal em Estado da Guanabara, a cidade do Rio de Janeiro perdeu aquela condição oficial, continuando a ser, entretanto, a BELACAP de que nos ufanamos. (O Cruzeiro, 1964, ed. 09, p. 86/87).

Por sua vez, a revista *Manchete* publicou uma reportagem em 1966, também falando de um novo Rio, em que aborda especialmente a necessidade de obras considerando os efeitos de uma enchente ocorrida dias antes (Maia; Santos, 2025, p. 245). Entretanto, as grandes obras são citadas como essenciais para o desenvolvimento e crescimento da cidade, e em vermelho no rodapé da página está escrito. “Depois de um novo Rio, Penido promete um Rio novíssimo”. As reportagens e dossiês tratam de temas que os moradores mais antigos da cidade do Rio de Janeiro e especialmente aqueles que vivem em Copacabana se recordam muito bem.

Os entrevistados que viram Copacabana se metamorfosear através dessas obras, contam como elas afetaram a vida de moradores, turistas, trabalhadores e frequentadores eventuais do bairro, em suas memórias. As ressacas das marés que invadiam a avenida Atlântica e interrompiam o trânsito, também chegavam aos prédios mais próximos, da faixa de areia, há quem se recorde de como o barulho do mar era alto. Com um certo

saudosismo, é falado sobre o que o aterro da praia causou, ou seja, como o mar foi levado para longe e o deixou mais bravio, dificultando assim o acesso àqueles que tem medo de ondas.

Era um tempo que era um outro tempo, né? Era um tempo que a Avenida Atlântica não tinha sido ainda duplicada. Então, a praia era muito perto, muito perto. Quando tinha ressaca a água, o edifício tinha uma frente para a Avenida Atlântica, uma portaria para quem vinha do Atlântico e outra para o Gustavo Sampaio, quer dizer, do Lera. E quando tinha ressaca, a água muitas vezes entrava numa portaria e saía na outra. E tinha que tirar os carros da garagem porque a garagem enchia e não dava. E o barulho do mar era muito intenso, sobretudo de noite, porque era um barulho meio soberano, que de vez em quando era interrompido pelo barulho do Bond, que passava na rua Gustavo Sampaio, e pelo apito do guarda noturno, que andava de bicicleta fiscalizando o bairro. (Informação Oral. Entrevista concedida em 16 de junho de 2024).

Ademais das necessidades de transitar e de proteger os patrimônios, era indispensável atrair turistas e redefinir a praia para ficar mais atraente e frequentável mesmo em dias de ressaca. Para isso, não apenas a avenida necessitava de duplicação, a faixa de areia apesar de sua pujança cotidiana, ficava submersa com as altas ondas, desse modo, aumentá-la era indispensável. Esse processo foi uma obra grandiosa e dividiu opiniões. Há quem acredite que o alargamento da avenida era necessário e aqueles que afirmam que o aterrramento da praia não deveria ter ocorrido. “Estragou a minha praia”, disse uma das entrevistadas (A. 62 anos).

1970 – Continuação das obras

Acabou o beijo do mar com a areia em Copacabana. Do

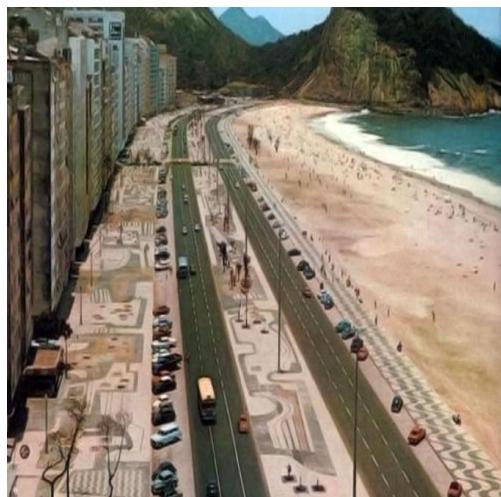
calçadão de Copacabana, ninguém mais vê as ondas quebrarem na praia, que é artificial e a beleza da outra, antiga, selvagem, ficou para lá. Cinco da manhã, se é verão, o mar já recebe gente. Dez horas, praia cheia, atropetada.

João Antonio (2021).

Os anos de 1970 começam em meio as obras de alargamento da avenida e aterramento da praia, criando assim, um espaço maior de areia, aumentando a distância entre asfalto e onda, permitindo a criação de muitos espaços e possibilitando novos usos por maior quantidade de tempo. Usos esses que permanecem até a atualidade, como as quadras de tênis e os campos de futebol. A obra foi longa e deslocou trabalhadores como os pescadores que ficaram muitos anos com locações improvisadas.

As imagens a seguir mostram Copacabana antes e durante as obras, a fotografia do lado esquerdo, nos permite compreender a fala de alguns dos entrevistados sobre a proximidade das ondas e as construções, assim como, perceber a enorme diferença entre o antes e o depois das obras. A fotografia do lado direito, exibe o tempo da execução, mas também a magnitude de tal obra.

Figuras 2 e 3



Fontes: Copacabana em 15/03/1971 (foto de arquivo SURSAN)



Fontes: - Interceptor Oceânico e aterramento de Copacabana – (foto sem autoria do sitio da SEAERJ).

Indubitavelmente as reformas urbanas seguiram planos que contribuíram significativamente para a acumulação de renda e por conseguinte a gentrificação. No caso do Rio de Janeiro, as muitas transformações ocorridas na cidade, desde sempre causaram exclusão, aumento nos preços dos imóveis, distanciamento do centro e dos locais de trabalho. Do mesmo modo, demonstra uma preferência das autoridades por investir nos lugares onde as maiores rendas estão concentradas. Segundo Maurício de Almeida Abreu (1988, p. 134), o Rio de Janeiro tinha urgência de “renovação da infraestrutura”.

Os governos que se seguiram ao de Carlos Lacerda só vieram a intensificar a ação preferencial do Estado nas zonas mais ricas da cidade que, por se adensarem cada vez mais, exigiam não só a construção de obras viárias

ainda mais sofisticadas, como também a renovação da infraestrutura de serviços básicos já obsoletos devido ao aumento populacional. Os investimentos públicos realizados - agora também pelo Governo Federal - adquiriram então um caráter gigantesco, exemplificado pelo alargamento da Praia de Copacabana...

Assim como toda obra dessa envergadura, essa também estava sujeita às muitas variações meteorológicas, mesmo com prognósticos bem definidos para o fim da reforma. Em um evento noticiado em *O Cruzeiro*, a revista afirma que em razão de uma ressaca, as obras devem atrasar por um tempo não inferior a um mês. A Copacabana que se moderniza, ao mesmo tempo gentrifica, contribuindo para a criação e manutenção do mito do bairro de elite, permanecendo o lugar das boates, dos encontros da boemia, dos grandes bailes de carnaval.

Viver em Copacabana é sinônimo de distinção, paga-se caro nos miniapartamentos, divide-se o lugar, mas se permanece na Zona Sul. De acordo com Julia O'Donnell (2013), essa deferência que a fez pesquisar sobre Copacabana. "O que é, afinal de contas, esse 'cacife'? Que critérios habilitam alguém a imputá-lo (ou não) a si ou a outrem?". Vale lembrar que o governo ditatorial implementou na década de 1960 programas de turismo e Copacabana há muito já é cartão postal. Ainda de acordo com Julia O'Donnell, (2013, p. 68).

Lançado pela Disney em 1943, o filme *Alô amigos* mostrava o americano Pato Donald deslumbrado diante do cenário tropical, dançando junto com Zé Carioca ao som da celebração do "mulato inzoneiro". A imagem do traçado ondulado das pedras portuguesas sobre a qual apareciam os dois personagens não deixava dúvidas sobre o protagonismo atribuído naquele momento a Copacabana na representação de um cenário brasileiro por excelência. Como queriam os *cilenses*, os bairros atlânticos haviam de fato atravessado continentes,

atraindo turistas dos mais diversos cantos do globo.

Algo que chama muita a atenção nas matérias das revistas nos anos de 1970 são as reclamações que “pipocam” sobre a presença das favelas. Os discursos são acima de qualquer coisa, pululados de preconceito, não havendo crítica sobre a falta de políticas públicas, a inexistência de moradia para todos, incapacidade das autoridades administrativas em resolver, por exemplo, a falta de acolhida para os migrantes que chegavam, tudo isso além de questões relativas à junção do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara em 1975.

Entre os entrevistados que participaram desta pesquisa, um deles que além de ser esportista é professor de natação e atua na política como deputado federal, afirma que “não existe mais pessoas com alto poder aquisitivo no Rio de Janeiro”, referindo-se a dois eventos: a mudança da capital do país para Brasília e a unificação com a Guanabara. O Rio perdeu a condição de cidade-estado e absorveu todas as demandas que eram da Guanabara, incluindo as questões relacionadas à falta de emprego e moradia.

Como uma forma de contextualizar determinadas situações, é preciso que voltemos um pouco no tempo para falarmos sobre a expansão urbana da cidade, quando o Rio foi remodelado sob a administração de Pereira Passos. O centro da urbe literalmente expulsou os pobres, os cortiços foram demolidos, as moradias de baixo custo foram tragadas pelas obras e o centro recebeu nova roupagem para se tornar um lugar asséptico em harmonia com o progresso.

Dito isso, é importante ressaltar que essa maneira de assepsia aconteceu muitas outras vezes, ocorrendo também em Copacabana, que em princípio não parece tão radical como o acontecido no centro da cidade ou nas remoções de tantas favelas ao longo dos anos (Brum, 2013). Em Copacabana, esse processo foi mais lento e gradual, e na medida que o

bairro se elitizava, os morros ao redor eram ocupados pelos trabalhadores que prestavam serviço para os copacabaneses. Os estudiosos da cidade, lembram que a cidade do Rio de Janeiro nas suas peculiaridades tem uma particularidade na forma de expansão, para Augusto Ivan de Freitas Pinheiro at all, (2009, p. 57), os mais pobres se “assentam nas franjas das áreas ocupadas pela elite”.

O ciclo de expansão urbana das zonas ricas também se apresenta com uma característica bastante singular: a cada movimento das elites, que tendem a valorizar imediatamente o espaço urbano por elas ocupado, acompanha uma rápida apropriação das áreas vizinhas, ainda vazias ou potencialmente adensáveis, pela classe média. Em seguida chegam os mais pobres, que vão se assentando como podem nas franjas dessas mesmas áreas, em terrenos públicos ou onde a legislação da cidade não permite ocupação formal, geralmente áreas de encostas ou pantanosas, gerando o fenômeno conhecido como favelas.

Os anos de 1970 vão chegando ao fim, a população brasileira está cansada de tantos anos de repressão, pede e busca por mais liberdade, as camadas médias da sociedade têm seus salários achatados, o milagre econômico dá mostras de que não é sustentável, a sociedade de modo geral busca melhorias. Desde a década de 1960, com o advento do golpe de 1964 que a imagem do país ficou arranhada mundialmente, de acordo com Angela Fileno da Silva (2024) existe a seguinte situação:

Em linhas gerais, as novas instituições tinham o propósito de promover políticas públicas de incentivo ao turismo doméstico e de atrair turistas internacionais por meio da divulgação de uma imagem positiva do país que, desde o golpe de 1964, estava estremecida. Em 1973, a Embratur lançou o Projeto Turis, produzido pela estatal francesa

Société Centrale Pour l'Equipement du Territoire.

E assim, chegamos ao fim de uma década que alterou a geografia de Copacabana, que basicamente tirou todos os trabalhadores de baixa renda da avenida Atlântica. De acordo com um dos entrevistados, morar nesta avenida não é para qualquer um. A Novacap tem a praia de Copacabana mais uma vez como cartão postal para o mundo.

1980 – Os pobres vão à Praia

Copacabana
Aqui no Planet, no Planet Copacabana
Copacabana
Aqui no Planet, no Planet Copacabana
Aqui nesse planeta bem pertinho do mar
Ainda sobra muito tempo pra gente sonhar
Qualquer dia, num programa, ainda vou encontrar
Um gringo cheio do "din-din" que vai, por mim, se
apaixonar
Me levar pro seu país e, comigo, se casar
Vou ter um filho de olho azul e muito "money" pra gastar
Ou então fazendo a vida, vou juntar meu pé-de-meia
Pra poder me aposentar quando eu 'tiver mais velha e
feia!
(Bia Pontes).

Existe no imaginário nacional ainda muito solidificado, grande parte dos acontecimentos da década de 1980, os pedidos de redemocratização do país, a luta pelo fim da ditadura. As campanhas nacionais pelas eleições diretas, intituladas de “Diretas Já”, tomaram conta do país, nos programas de rádio, nas novelas, nas músicas e nos eventos. Havia uma inquietação geral, a inflação nas alturas, o arrocho salarial cada dia maior. As corridas aos supermercados dos dias de recebimento dos salários para garantir a estocagem de alimentos antes que o salário perdesse o poder de compra no dia seguinte, causavam congestionamentos nas filas dos caixas, um dos símbolos da época, a máquina de remarcação de preços não parava de

funcionar.

A proximidade do fim da ditadura teve alguns episódios que podem ser classificados no mínimo como esdrúxulos. O governo brasileiro utilizando de um programa de incentivo ao turismo, passou a “vender” Copacabana para o mundo de maneira depreciativa especialmente para as mulheres. De acordo com Bianca Freire-Medeiros e Celso Castro (2013, p. 23), tanto em eventos oficiais mundo afora, quanto em reportagens de revistas, o Rio é literalmente apresentado como o lugar amoral e onde tudo é permitido.

Nos estandes montados pela Embratur no Incentive Travel Show (Chicago) e no Travel & Vacation Show (Nova York), eventos realizados em 1980, a decoração se valia de um enorme cartaz horizontal estampando uma mulher vestida de um minúsculo biquíni estendida nas areias de Copacabana. Ainda mais constrangedora talvez fosse a matéria publicada na edição de 1982 da revista *Rio, Samba e Carnaval*. Com o título “Rio é sol, é cio”, a reportagem prometia: “A cidade, como virgem transformada pelo cio, enlouquece, cai no desvario, na alegria, na euforia, no desatino, num voo-mergulho de vertigem, sofrimento gozo e êxtase”.

A promoção do Brasil como produto turístico não era voltada aos pobres ou trabalhadores. O objetivo era atrair turistas internacionais e pessoas com poder aquisitivo elevado. Para isso, vendia-se a imagem do país associada à beleza feminina e à sensualidade da "Princesinha do Mar", numa lógica em que o corpo da mulher brasileira também era utilizado como atrativo turístico. Com o tempo, Copacabana começou a perder seu encanto para a elite, que passou a se deslocar para outras praias mais "exclusivas". A inquietação se espalhava por todo o país. A instabilidade no poder central e a crescente ânsia por uma sociedade democrática impulsionavam a busca por direitos – especialmente por parte das camadas menos favorecidas –, mas essa mobilização social também gerava

tensões profundas.

É nesse cenário que surgem movimentos de luta por acesso a bens de consumo considerados “gratuitos”, como o direito de frequentar a praia. Milhares de pessoas enfrentavam longas filas para se deslocar de ônibus até as praias da Zona Sul carioca. Contudo, a ausência de políticas públicas adequadas para atender às necessidades da maioria da população fez com que esse fluxo fosse lido por setores da elite como uma “invasão”. A presença de uma “legião de pobres” nas praias passou a incomodar as classes mais abastadas, que se sentiam ofendidas por terem que compartilhar o mesmo espaço com aqueles que julgavam indesejáveis ou “horríveis”.

Durante os anos 1980, foi produzido um documentário originalmente feito para a Rede Manchete de televisão intitulado Documento Especial, com o tema *Os Pobres vão à Praia*. O documentário de Aldir Ribeiro e Felipe Paes, disponível no *Youtube* aborda as dificuldades enfrentadas pelos suburbanos do Rio de Janeiro para frequentarem a praia de Copacabana, bem como os preconceitos por eles sofridos provenientes daqueles que se intitulam “elite”.

No decurso da matéria, é dito que “o novo caminho da geração zona sul, é a Barra da Tijuca, numa referência ao deslocamento da elite de Copacabana que começa a se mudar para um lugar mais distante e mais difícil acesso para aqueles que não dispõem dos próprios meios de locomoção e dependem de transporte público. Ao entrevistar três banhistas, um corolário de agressões é desferido contra quem não é “elite”. A seguir reproduzo a fala desses três usuários da praia da Barra da Tijuca.

Entrevistada 1- Eu venho à praia na Barra porque botaram uns ônibus horrorosos que saem umas pessoas completamente horríveis de dentro dos ônibus e vão lá sujar a praia e você não adianta você ir praia

entendeu? Não adianta você chegar na praia dizer, não limpa, e põe no baldinho... porque é uma gente sem educação mesmo. Não pode tirar o pessoal de Meier do Mangue e colocar na praia de Copacabana, porque eu não posso conviver com uma pessoa que não tem o mínimo de educação.

Entrevistada 2 - Não é cobrando pedágio que você vai evitar das pessoas virem, tem que dar um meio de divertimento pra elas, pra elas não virem à praia.

Entrevistado 3 - O pessoal vai suja as praias, jogam tudo, tudo nas praias, fazem "porra", mó galinharem mesmo, pô, eu acho que isso aí está totalmente errado, tinha que, eu não sou contra pobre nem nada, agora eu venho pra praia do Pepeu, porque pô eu tô aqui es tô, junto dos meus pô.

E, como a primeira entrevistada foi muito mais contundente e detalhista na sua forma de falar sobre aqueles com quem ela não gostaria de dividir a praia, demonstrou o pensamento de uma época com mais firmeza e na linha daquilo que o documentário estava buscando, ou seja, mostrar as diferenças de classe (teoricamente o documentário visava mostrar os preconceitos, no entanto, parece mais uma forma de justificar porque o preconceito existe), as câmeras se voltam para ela que continua a desferir suas palavras.

Entrevistada 1 - Cobrava entrada. Tem que cobrar entrada, porque as pessoas que as pessoas que podem pagar entrada, dependendo do lugar, porque Copacabana e Ipanema tem que custar mais caro, as pessoas que moram em Ipanema e Copacabana é "sujeira", ... é sujeira você pegar uma pessoa que mora em Copacabana e Ipanema, uma pessoa bem vestida, legal, que tem educação e colocar na praia no meio de um monte de gente sem educação, que vai dizer grosseria, sabe que vai comer farofa com galinha, vai matar as

pessoas, entendeu? De nojo, é um horror.

As falas se alternam, são duas mulheres e um rapaz que justificam seus pensamentos culpabilizando os “pobres”. Em momento algum há crítica que leve à falta de políticas públicas, à inclusão, à melhoria da educação, transporte público, locais de lazer. A distinção buscada pelas pessoas dos anos de 1980, basicamente é a mesma das elites dos anos de 1920 quando fundaram o *Beira-Mar*. Sem anacronismos históricos, mas analisando os discursos, a reforma de Pereira Passos, as elites que criaram a revista ou os jovens dos anos de 1980 estão no mesmo “lugar” que é o de culpabilizar o pobre por todas as coisas que para eles são desagradáveis.

Ao lançar um novo olhar sobre Copacabana, observa-se que, na década de 1980, ocorre o “nascimento” dos megaeventos, com destaque para o *Réveillon*, que viria a se tornar uma das maiores celebrações públicas do país. Por muitos anos, a virada do ano na praia era marcada apenas por manifestações de caráter religioso, reunindo pessoas que prestavam homenagens a Iemanjá. Naquele período, essas práticas eram vistas com desconfiança e recebiam críticas por parte da imprensa, que expressava o preconceito da sociedade diante dos cultos de matriz afro-brasileira.

Contudo, já na década de 1970, esses encontros começaram a atrair um número crescente de participantes. Segundo os estudiosos Cristina Nunes de Sant’Anna e Roberto Vilela Elias (2018), o cenário mudou radicalmente quando empresários identificaram o potencial midiático e econômico do evento e passaram a transformá-lo em espetáculo. A celebração do Réveillon em Copacabana, antes marginalizada, foi então apropriada pelo mercado e pela lógica dos grandes eventos, adquirindo uma nova configuração: a de um espetáculo turístico de alcance nacional e internacional.

Na virada de 1981 para 1982 houve uma inovação na festa do Copacabana Palace que representou, de certa forma,

a origem do megaevento. Na intenção de promover ainda mais o evento no Copacabana, o empresário Ricardo Amaral decidiu transferir a queima de fogos do terraço do hotel para a faixa de areia da praia em frente. Seu tino empresarial surtiu efeito, e o baile do Réveillon naquele ano lotou como há tempos não acontecia. Grande quantidade de pessoas ficou por ali para poder ver de perto o espetáculo. Pronto. Terminara o Ano Novo e havia começado a se estruturar o megaevento Réveillon. *Semiologia pura* (Sant'Anna; Elias, 2018, p. 451).

A partir desse ano, em um constante processo de transformação, o Réveillon de Copacabana tornou-se uma das festas mais comentadas e um dos maiores eventos da cidade. Para muitos moradores da Avenida Atlântica e ruas adjacentes, a ocasião representa também uma oportunidade de renda extra: diversos transformam suas residências em hospedagens temporárias, utilizando estratégias variadas. Há quem desocupe completamente o imóvel, alugando-o por uma semana e hospedando-se na casa de parentes; outros optam por alugar espaços mais afastados e acessíveis durante esse período. Alguns moradores compartilham o espaço com os hóspedes, enquanto outros, com imóveis maiores, criam divisões internas com entradas independentes, garantindo mais privacidade e autonomia aos visitantes.

Durante as entrevistas realizadas, apenas um dos entrevistados afirmou explicitamente recorrer a essa prática como forma de ganhar dinheiro durante os megaeventos na praia de Copacabana. No entanto, todos reconhecem que ela é amplamente difundida entre os moradores da região. Ainda assim, há quem faça críticas contundentes a essas ocasiões, especialmente devido aos impactos na mobilidade urbana, na segurança e na superlotação do bairro. Como expressou o entrevistado J.R.:

E as pessoas que têm imóvel para alugar, porque tem muito disso em Copacabana, imóvel para alugar, também

os preços sobem nesses eventos, mas pro grosso da população fica problemático, você precisa ver o supermercado, supermercado tão superlotado também, mas enfim, faz parte dessa invenção, sim, já tem quase um mês que eu li isso, mas quando eu li, já havia 180 voos extras para o Galeão, isso deve ter, já deve ter chegado a 200, 300 para o show da Madonna, porque a gente deve ver um monte de gente da Argentina, do Uruguai, e do Brasil inteiro, né? [Entrevista concedida em 16 de junho de 2024]

A convivência entre trabalhadores, elite e aristocracia, permanece nos anos de 1980. No surgimento dos grandes eventos, acontece também a promulgação da nova constituição, a Carta Magna Cidadã. Com ela, as esperanças se renovam, trabalhadores acreditam que serão mais respeitados e na esteira das conquistas coletivas, muito se conseguiu, o caminhar ainda é longo, as trincheiras continuam com muitas lutas e preconceitos permanecem em todos os espaços, mas os trabalhadores não desistem de suas batalhas. Seguem firmes, conscientes de que seus direitos são fruto de resistência e que a luta por dignidade permanece necessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, ABREU, Mauricio de Almeida.

A evolução urbana do Rio de Janeiro.

2^a Ed. Rio de Janeiro: Iplanrio/Zahar, 1988.

ANTONIO, João. **Ô, Copacabana!** São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

BOECHAT, Ricardo. **Copacabana Palace, um hotel e sua história.** São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1998.

BRUM, Mario Sergio Ignácio. **Cidade Alta:** história, memórias e o estigma da favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2011.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca e CASTRO, Celso. "Destino: Cidade Maravilhosa. In: CASTRO, Celso et al. **História do Turismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

GOMES, Angela Maria de Castro. **Cidadania e direitos do trabalho.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

KLEVER, Lucas. A representação da elite de Copacabana, Ipanema, Leme (cil) no jornal beira-mar durante a participação brasileira na segunda guerra mundial. In: **Trilhas da História**, v. 10, n. 20, jan.-

jul., ano 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.55028/th.v10i20.12709> Acesso em 25 de maio de 2025.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os brasis.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

MAIA, Andréa Casa Nova e SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. **Rio, cidade submersa:** imagem e história das inundações cariocas. Rio de Janeiro: Onirá Editora, 2025.

MAUAD, Ana Maria. "Flávio Damm, profissão fotógrafo de imprensa: o fotojornalismo e a escrita da história contemporânea". **História (São Paulo)**, v. 24, n. 2, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000200003> Acesso em 10 maio 2025.

MELLO, Zuza Homem. **Copacabana:** a trajetória do samba-canção. São Paulo: Editora 34/Edições Sesc, 2017.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940).** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. "Um bom lugar para encontrar": Cosmopolitismo, nação e modernidade em Copacabana. In: GORELIK, Adrian e PEIXOTO, Fernanda Alves. **Cidades sul-americanas como arenas culturais.** São Paulo: Edições Sesc. 2019.

OLIVEIRA, Lenice Peluso; COSTA, Vera Lúcia de Menezes. Histórias e memórias de pioneiros do vôlei de praia na cidade do Rio de Janeiro. **Revista da Educação**

Física/UEM, Maringá, v. 21, n. 1, p. 99- comparativo da Colônia Z-13 113, jan./mar. 2010. DOI: (Copacabana - Rio De Janeiro/RJ) e Paraty <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v21i1.8126> Acesso em: 10 jul. 2025.

PEREIRA, Sonia Gomes. **A Reforma Urbana de Pereira Passos e a Construção da Identidade Carioca**. Rio de Janeiro: Pós-Graduação da Escola de Belas Artes / UFRJ, 1996.

Fontes Consultadas:

PINHEIRO, Augusto Ivan de Freitas; et al.

Praia de Copacabana: um ícone carioca. AMADIO, José. Capital do Rio: **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 3, Janeiro, ed. 12, p. 13, 22 jan. 1949. p. 57-76, 2009. Disponível em:

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **A costura da cidade: a construção da mobilidade carioca**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.

SANT'ANNA, Cristina Nunes de; ELIAS, Roberto Vilela. O Réveillon Nossa De Cada Ano Novo: um megaevento em discussão. **Revista ECO Pós**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 443-459, set. 2018. DOI 10.29146/eco-pos.v21i2.12154 Acesso em 05 de junho de 2025.

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. Trajetórias culturais e musicais da "princesinha do mar" - Copacabana: 1946-1965. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** - ANPUH, São Paulo, julho 2011. Disponível em: <<https://anpuh.org.br/index.php/documents/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/32-snhs26>>. Acesso em: 02 de junho de 2025.

SILVA, Ângela Fileno da, et al. Pertencimento e Turismo: um estudo

A beleza urbanística de Copacabana precisa ser lavada mais a sério. **BEIRA-MAR**: Copacabana, Ipanema, Leme (RJ) - 1922 a 1955, Rio de Janeiro, ed. 727, p. 3, 25 abr. 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/063581/62691> Acesso em: 10 de janeiro de 2025.

Não será alargado o tunnel novo. **BEIRA-MAR**: Copacabana, Ipanema, Leme (RJ) - 1922 a 1955, ed. 663, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1940, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/067822/7993> Acesso em: 11 de maio de 2025.

O vertiginoso progresso de Copacabana. **BEIRA-MAR**: Copacabana, Ipanema, Leme (RJ) - 1922 a 1955, ed. 802, Rio de Janeiro, 1955, p. 11. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/067822/7158> Acesso em: 15 de maio de 2025.

2025.

[publicacaooriginal-1-pe.html](#)>. Acesso em: 25 de maio de 2025.

BRASIL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 18 de setembro de 1946).

COSTA, Nelson. Rio 400 janeiros - de 1946. Rio de Janeiro: Casa Civil, expansão do Rio no século XX. O Presidência da República, 1946. **Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ed. 009, Disponível em: editorial, 5 dez. 1964. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm Acesso em: 01 de junho de 2025 de 30 de maio de 2025.

BRASIL. Lei nº 3.273, de 1º de outubro de 1957. FILHO, Barreto Leite. Rio – cidade de Capital Federal, e dá outras 41, p. 6, 9 ago. 1941. Disponível em: providências. Rio de Janeiro: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/0013273.htm#:~:text=LEI%20No%203.273%20DE,Art> Acesso em: 16 de maio de 2025.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3273.htm#:~:text=LEI%20No%203.273%20DE,Art Acesso em: 30 de maio de 2025.

FON FON: semanário alegre, político, crítico, espusiente. Os jangadeiros. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, ed. 048, p. 25, 29 nov. 1941. Disponível em:

BRASIL, 1940. Decreto-Lei nº 2.041, de 27 de fevereiro de 1940. Regula o exercício do comércio ambulante. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1940. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1940-1949/decreto-lei-2041-27-fevereiro-1940-411979-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

JUNIOR, Raimundo Magalhães. Capital do Brasil há 197 anos, qual será o seu destino? Rio. A mudança de governo não interromperá o progresso... **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 405, p. 6, 23 jan. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/004120/31885> Acesso em: 28 de maio de 2025.

BRASIL, 1939. Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939. Cria o

Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências. Rio de Janeiro: Presidência da República. 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881>

LEAL, José. Copacabana sem máscara. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ed. 20, p. 12, 3 mar. 1951. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/003581/74556>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

LEAL, José; MARELLA, Aymore. A vingança

do Morro. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. **Memórias**. Disponível em: 41, p. 20, 31 jan. 1953. Disponível <<https://riomemorias.com.br/memoria/c>> em: <http://memoria.bn.gov.br/DocRea> abeca-de-porco/>. Acesso em: 14 de maio de 004120/2771 Acesso em: 17 de de 2025.

maio de 2025. SILVA, Arlindo. O Rio pede socorro. **O MANCHETE**. O Rio corre para o futuro. **Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ed. 38, p. 22, 2 **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. especial jul. 1960. Disponível B, editorial, 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocRead> em: <http://memoria.bn.gov.br/DocRea> er/003581/209706 Acesso em: 28 de der/004120/111098 Acesso em: 01 de maio de 2025. junho de 2025.

VIANA, Nelson. Penido – a reconstrução MOREL, Edmar. Jangadas do Nordeste. do Rio. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ed. 026, s/p., 722, p. 80, 19 fev. 1966. Disponível em: 22 abr. 1944. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/00> <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/0> 4120/68323 Acesso em: 29 de maio de 03581/40736 Acesso em: 16 maio de 2025.

2025.

YOUNG, Ronald. 50 anos da inauguração O CRUZEIRO. Copacabana acorda de da Nova Copacabana. **Ângulos: Revista** ressaca. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ed. **do CREA-RJ**, Rio de Janeiro, 16 mar. 2021. 15, p. 122, 7 abr. 1970. Disponível em: [h](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/0) Disponível em: <https://angulos.crea> <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/0> rj.org.br/50-anos-da-inauguracao-da-03581/234522 Acesso em: 18 de maio [nova-copacabana/](http://memoria.bn.gov.br/DocReader/0) de 2025.

Entrevista feita com o morador de PAES, Felipe; RIBEIRO, Adir. Os pobres Copacabana em 16 de junho de 2024. vão à praia. Documento Especial. Youtube, 27 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kOzGFZZVe8&t=1119s> . Acesso em: 10 de maio de 2025.

PEDROSA, Milton. Copacabana – cidade. **Manchete**, Rio de Janeiro, ed. 42, p. 46, 7 fev. 1953. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocRea> der/004120/2857 Acesso em 01 de junho de 2025.

RIO MEMÓRIAS. Cabeça de Porco. **Rio**